

Revisitando Ferenczi: o Mito Originário da Matriz Relacional

Denise Salomão Goldfajn

Resumo

Esse artigo apresenta um percurso histórico-conceitual partindo da Psicanálise Relacional contemporânea ao encontro de Sándor Ferenczi, como seu precursor e ancestral. Conceitos postulados por Ferenczi como a matriz materna, mutualidade, elasticidade e a metapsicologia do analista são reinseridos no corpus psicanalítico como teorias seminais para a construção do paradigma relacional, marcando diferenças entre o pensamento de Freud e o de Ferenczi. A análise do texto *Thalassa: Ensaio sobre a Teoria da Genitalidade* (1924), destaca a genealogia da matriz relacional intersubjectiva para as teorias relacionais pós-freudianas. Espera-se que, para além do reconhecimento histórico da importância do pensamento de Sándor Ferenczi, a pesquisa conceitual a partir do diálogo das ideias de Freud e Ferenczi auxilie os psicanalistas contemporâneos a construir uma metapsicologia “de duas pessoas” própria à psicanálise contemporânea.

Palavras-chave: Sigmund Freud, Sándor Ferenczi, Teoria da Genitalidade, Totem e Tabu, Psicanálise Relacional.

Preâmbulo

Imagine-se lendo um livro sobre a história do desenvolvimento das ideias de um pensador que influenciou a construção teórica do pensamento ocidental. Primeiro, para entender o desenvolvimento das ideias desse autor, vamos aprendendo sobre a gênese de seu pensamento no contexto cultural em que esteve inserido. Em capítulos consecutivos, nos familiarizamos com a biografia do grande inventor. Lemos sobre seus colaboradores, seus opositores e seus sucessores. Tramas e conceitos, continuidades e descontinuidades, marcam o ritmo de suas descobertas. Quando vamos chegando ao final do livro recebemos uma carta do editor explicando que ele acabara de descobrir que ficou faltando um capítulo nessa obra, reencontrado recentemente em algum porão escondido. O editor pergunta: “Você, caro leitor, gostaria de receber esse capítulo para completar seu livro? Recomendamos que ele seja encartado como o capítulo dois dessa obra. Em futuras edições, esse encarte será parte integrante do livro.”

O convite, sugestivo, nos faz pensar em um tipo de “*recall*”, uma chamada de retorno à fábrica de origem, para reparar e ampliar a visão histórica e teórica do desenvolvimento das ideias descritas no exemplar que temos em mãos. Ao receber o capítulo perdido, percebemos que se trata de um personagem conhecido, presente na obra, por vezes tratado como gênio, mas considerado louco ao final. Como entender esse novo capítulo? Esteve o capítulo escondido por descuido ou

intencionalmente? Que consequências esse encarte traria para a compreensão geral das ideias descritas no livro?

O Renascimento de Ferenczi

São essas as perguntas que surgem do movimento criado nos anos 90, chamado de Renascimento de Ferenczi (*The Ferenczi Renaissance*). Pensar as contribuições de Ferenczi seria como encartar um capítulo faltante na historiografia da psicanálise.

De acordo com Carlo Bonomi e Franco Borgonho (2014), o renascimento de Ferenczi ocorreu a partir do interesse de psicanalistas de diferentes países e tradições teórico-clínicas pelo pensamento original de Sándor Ferenczi. Com a publicação de traduções do *Diário Clínico*, inicialmente em 1985, e a posterior publicação da *Correspondência Freud/Ferenczi* em 1992, as contribuições de Ferenczi para a teoria da clínica, puderam também ser apreciadas como contribuições teóricas mais amplas.

Segundo Roazen, a antecipação sobre a publicação dos manuscritos inéditos de Sándor Ferenczi demonstrava o suspense que o conteúdo dessas publicações poderia revelar: intimidades de Ferenczi e de Freud e as controvérsias teórico/clínicas e pessoais entre Freud e Ferenczi (Roazen, 2001).

O maior desacordo entre Ferenczi e Freud era sobre teoria do trauma, apresentada por Ferenczi em 1932. Freud havia abandonado a ideia do trauma sexual como etiologia da histeria, e trilhado um caminho diferente, através da compreensão da interpretação dos sonhos e da sexualidade infantil. Ferenczi parecia, portanto, retornar a um tema que Freud considerava ultrapassado e com implicações políticas importantes para o desenvolvimento da psicanálise. Esse seria o motivo para que Ferenczi fosse desacreditado e se transformasse em espectro, ou capítulo apagado da história, de acordo com alguns autores (Stanton, 1990; Aron & Harris, 1993; Tereza Pinheiro, 1995). Infelizmente, a 2ª Guerra Mundial e o falecimento prematuro de Ferenczi em 1933, impossibilitaram a compreensão mais ampla de sua teoria sobre o trauma por seus contemporâneos. No entanto, com a publicação do *Diário Clínico* e da *Correspondência Freud/Ferenczi*, um diálogo mais complexo entre os dois autores foi revelado, onde a colaboração e o desenvolvimento criativo, com acordos e desacordos, influenciaram ambos em seus percursos.

Dupont (2013), uma das autoras responsáveis pela edição do *Diário Clínico* relatou que os originais da *Correspondência de Freud/Ferenczi* estiveram por mais de cinquenta anos guardados em uma mala preta, num cofre de um banco, com grande perigo de desaparecerem para sempre. Através de um esforço de muitos, os originais puderam ser recobrados, editados e publicados em diversas línguas e, finalmente em 2013, os arquivos originais de Ferenczi reuniram-se aos arquivos oficiais da psicanálise sendo por fim armazenados no Museu Freud, em Londres. A inserção dos textos de Ferenczi aos arquivos oficiais da psicanálise, representa uma restituição simbólica e, sobretudo, histórica da importância de sua contribuição à psicanálise.

Para Aron (1996) e Mitchell (1995), o ressurgimento de Ferenczi, ocorreu em um momento de controvérsias e diferenças no desenvolvimento do pensamento psicanalítico, onde o tratamento de pacientes vítimas de violência (abuso sexual infantil, maus-tratos às mulheres, soldados sobreviventes de guerra) ganharia relevância social. A análise integral dos textos de Ferenczi possibilitou o reencontro com uma vertente mais ampla ao pensamento psicanalítico tradicional. Ferenczi privilegiou a matriz relacional materna em complemento à matriz edípica, ampliou a importância do ambiente social no desenvolvimento sexual infantil e buscou descrever o modelo de funcionamento bi-pessoal em análise, em detrimento a uma postura hierarquizada, adotada por uma formação rígida, representada pela exclusividade de médicos na formação de psicanalistas, regra vigente em muitas das sociedades ligadas a IPA (International Psychoanalytic Association) até os anos 1980.

A formação de psicanalistas se expandiu de forma a contemplar uma diversidade maior de profissionais, para além das sociedades da IPA, em universidades e centros de formação mistos (médicos, psicólogos, profissionais de saúde e das ciências sociais). Para muitos autores, o resgate do pensamento de Ferenczi, o tornou um precursor da clínica contemporânea, que antes, era desconhecido e ignorado. Segundo Harris (2015):

“Quando Lewis Aron e eu organizamos a conferência sobre o legado de Sándor Ferenczi (ocorrida em Nova York, 1991), muitos de nós tivemos a mesma experiência, sentados no auditório, escutávamos os Europeus, muitos deles que mesmo sem ensinar Ferenczi, juntavam-se a gerações mais jovens de analistas húngaros que por décadas estudavam os textos de Ferenczi e nos sentimos como se estivéssemos descobrindo um de nossos pais, que esteve perdido e que nem sabíamos que tínhamos perdido. Eu estava lá, sentada, pensando: “Agora eu sei de onde venho” (p. 23. Harris, 2015)

Adrienne Harris e Lewis Aron são psicanalistas norte-americanos que inauguraram, junto com Stephen Mitchell, Jay Greenberg, Jéssica Benjamin, entre outros, a perspectiva da Psicanálise Relacional dos Estados Unidos. A Psicanálise Relacional congrega autores e psicanalistas que privilegiam a matriz relacional à pulsão intrapsíquica na teoria e na técnica psicanalítica. Esses autores se preocupavam com o carácter pouco inclusivo da psicanálise tradicional que através de um modelo universal para a constituição psíquica oferecia poucas alternativas para tratar das diversidades culturais e subjectivas, como por exemplo estudos de género, de raça e de diferenças de classes sociais, espectros da dinâmica do trauma e novas constelações familiares que emergiam como campo de interesse e estudo para a psicanálise dos anos 90. Esse mesmo debate, ocorria também nas sociedades tradicionais da IPA, provocando rupturas. Questões sobre o pluralismo nas teorias psicanalíticas, levariam a intermináveis discussões sobre o que é ou não é psicanálise,

evidenciando as divergências e bifurcações, representadas por distintas escolas ou orientações que divergiam sobre a ênfase nas pulsões, na psicologia do ego e nas relações de objecto (Wallerstein, 1990).

Para Stephen Mitchell (1995): “O recente ressurgimento do interesse em Ferenczi pode ser entendido no contexto da dinâmica dos conflitos do movimento psicanalítico de nosso tempo. Uma exploração e avaliação do legado de Ferenczi tem, portanto, um significado maior, além do histórico.” (p. 224)

Aron e Lewis (1993) sintetizariam: “No clima actual de pluralismo teórico na psicanálise e na época em que as perspectivas relacionais se tornam cada vez mais centrais, a reputação de Ferenczi alcançou uma notável ressurgência.” (p. 81)

No Brasil, ocorreu situação semelhante, nos anos 80, os debates sobre a democratização das formações analíticas levaram à disseminação do ensino da psicanálise em cursos de psicologia e a proliferação de centros de formação diversos. Com isso o, estudo e a prática da psicanálise tornaram-se mais inclusivas a diversos interesses de profissionais que buscavam por uma flexibilização da técnica, atendendo psicanalistas de diferentes filiações que se identificaram com o estudo do pensamento de Sándor Ferenczi. (Pinheiro, 1995; Katz, 1996; Kupermann, 2003, 2008)

O renascimento de Ferenczi conjuga, portanto, o movimento de vários psicanalistas que já vinham publicando sobre a importância de recobrar as ideias de Ferenczi, principalmente em relação as suas inovações técnicas (Aron and Harris, 1993; Tereza Pinheiro, 1995; Luiz Cláudio Figueiredo 1999; Daniel Kupermann, 2008).

A origem da perspectiva relacional como ambiente para o Renascimento de Ferenczi

O pensamento psicanalítico desenvolveu escolas e tradições entre as grandes diferenças de linguagem e culturas e os narcisismos das pequenas diferenças entre autores. O que se mantém e o que se modifica com a inserção do pensamento de Ferenczi como capítulo dois da historiografia psicanalítica? De que forma Ferenczi contribui para a perspectiva relacional em psicanálise?

“É possível identificar na obra de Ferenczi uma gradual mudança de foco: da atenção prioritária à psicopatologia do paciente ao funcionamento mental do analista, passando pela proposta de alterações do meio de trabalho” (Kahtuni e Sanches, 2009, p. 280.)

Segunda as autoras, uma avaliação actual da epistemologia contida nas inovações técnicas de Ferenczi, mesmo considerando seus erros e exageros (uma referência ao experimento de Ferenczi com a análise mútua), estão nas origens “da linhagem teórico-clínica das relações objectais e do Middle Group Britânico” (p. 280). Para as autoras, Ferenczi teria rompido com o paradigma positivista da ciência e apostando em um modelo intersubjectivo, onde o analista não trabalha mais como

um pesquisador separado de seu objecto, mas como observador e participante do processo, valendo-se da matriz relacional para isso.

Greenberg e Mitchell (1983), também identificaram uma mudança de paradigma no pensamento psicanalítico. A hipótese desses autores é que essa mudança paradigmática descentralizaria o foco nas pulsões e na metapsicologia descritas por Freud, para uma investigação dos fenómenos relacionais e transferenciais, modificando a compreensão do modelo de funcionamento psicológico de “uma só pessoa” para um modelo de funcionamento relacional “de duas pessoas.” O foco de pesquisa da relação transferencial, seria a dinâmica de dois, e não mais a observação isolada do comportamento de um só.

A perspectiva relacional, seria considerada por esses autores, como uma alternativa ao paradigma pulsional inicial de Freud, provocando uma “guinada relacional,” tradução livre para o termo em inglês “*relational turn*”, bastante disseminado entre os autores da Psicanálise Relacional. A “guinada relacional” refere-se justamente ao estudo da “relacionalidade” em psicanálise, como aspecto central do desenvolvimento da psicanálise contemporânea (Aron & Mitchell, 1999).

Uma das vertentes dessa mudança de paradigma, seria a revisão crítica da centralidade da dinâmica pulsional e do Complexo de Édipo. A teoria das pulsões e o Complexo de Édipo, são conceitos balizadores de um desenvolvimento sexual universal, normatizador, diferenciando o desenvolvimento normal do patológico. O estudo da matriz relacional, dual e materna, foi desenvolvida por autores pós freudianos, como Ferenczi, Melanie Klein, Winnicott, Bion, entre outros que desenvolveram suas pesquisas sobre fases pré-edípicas do desenvolvimento infantil, posteriormente ao complexo de Édipo proposto por Freud. A fase pré-edípica passa a ser, portanto, identificada como uma etapa do desenvolvimento infantil muito primitivo, associando a fusionalidade mãe-bebé, como origem das patologias mais graves na clínica psicanalítica e passaram a ser centrais para a compreensão do desenvolvimento das transferências no contexto da prática clínica nesse campo.

Stephen Mitchell (1984,1988) e Jéssica Benjamin (1988) criticam os valores sociais intrínsecos na teoria da dissolução do complexo de Édipo, onde a identificação com o pai e inserção na cultura seria libertadora ou sinal de maturidade psicológica e a manutenção da identificação com a mãe, provocaria distúrbios causando dependências e prejuízo ao desenvolvimento psicológico pleno. Para esses autores, esses valores intrínsecos seriam perpetuadores de papéis sociais prescritivos. O que hoje chamamos de machismo estrutural. Inconscientemente presente na teoria psicanalítica de desenvolvimento psicosexual normal, na passagem da fase pré-edípica para a edípica, estariam as figurações da mulher e da criança como representações sociais parciais, dependentes e com déficit de autonomia, perpetuando desigualdades sociais e prescrevendo uma hierarquia de papéis e funcionamento social para homens e mulheres. Segundo Mitchell (1984, 1988),

a montagem de uma continuidade entre o eixo relacional (materno) e o pulsional (edípico), mascaram descontinuidades que o autor chama de um “desenvolvimento torto” (“*developmental tilt*”) na arquitetura teórica da psicanálise. Um desvio que evidencia as dificuldades de transição de um modelo modernista positivista, para um modelo pós-moderno, onde se destacam as construções ideológicas para a perpetuação de relações de poder entre mulheres, homens e crianças. O pós-modernismo desmonta os papéis designados pelo construtivismo social, permitindo que múltiplas configurações do materno e do paterno possam ser pensadas, expandindo a compreensão do que é normal e do que é patológico.

Essa mudança de paradigma se tornaria presente, no desenvolvimento temporal de escolas psicanalíticas, marcadamente pela prática clínica, como por exemplo na diferença de atitude do psicanalista com seu paciente. Para Greenberg e Mitchell (1983) no modelo pulsional o psicanalista seria o observador de um desenvolvimento universal, interpretando os conflitos internos de um paciente, o sonho de um paciente, o desenvolvimento psicosexual de um paciente, atento “a psicologia de uma só pessoa.” No modelo relacional, o material clínico, dependeria da compreensão do analista sobre “a psicologia de duas pessoas,” a microscopia do encontro. O psicanalista cada vez mais, encenaria o drama, sonharia com o paciente, estaria presente e ausente.

Se no modelo científico da modernidade, a pulsão é constitucional e constante, na pós-modernidade a relação é construída socialmente, colaborativamente, sob tensões inconscientes, representada por marcadores emocionais que guiam a clínica para a investigação da construção não apenas de uma subjectividade (a do paciente), mas das subjectividades (do paciente e do psicanalista). A constituição de um self, verdadeiro ou falso (Winnicott), passa a ser compreendida por configurações de si-próprio múltiplas, denominada por Mitchell de self-múltiplo (Mitchell, 1993).

Não faltaram críticas à alternativa relacional criada pelos psicanalistas norte americanos. Entre elas, Mills (2012) enumerou as mais contundentes:

1. O paradigma relacional apoiou-se mais no questionamento social e político feito aos psicanalistas médicos e sua clínica rígida, do que em problemas de consistência e encaixe e ajustes teórico-clínicos.
2. O conceito de pulsão criticado por Greenberg e Mitchell (1983), seria parcial e consistente apenas com a concepção biológica do conceito de “instinto” usado na primeira edição da Standard Edition, traduzido por Strachey, negando a revisão, aceita pela maioria dos psicanalistas, da noção de “trieb” (pulsão) como um conceito limítrofe entre o físico e o psíquico, sem necessariamente privilegiar o biológico.
3. Apoiando-se em André Green (2008), Mills ressaltou que retirar da psicanálise a ênfase dos conceitos de pulsão e metapsicologia, como propõe o paradigma

relacional, seria desrespeitar o próprio “espírito” e a contribuição essencial feita pela psicanálise de Freud; descaracterizando o campo e a clínica psicanalítica de sua especificidade.

4. A perspectiva relacional sofreria dos mesmos vícios atribuídos ao pós-modernismo: uma reificação de conceitos que não levaria em conta sua evolução histórica, conservando somente o significado para uso de desconstrução.

Para os críticos, o paradigma relacional desconsideraria, assim, a relevância da constante oscilação entre polaridades e seus excessos, presente na economia pulsional descrita por Freud. A partir dos anos 90, entre oscilações sobre novas configurações sexuais e familiares, novas forças de democratização na formação de psicanalistas e no mundo, a Psicanálise Relacional ofereceu seus excessos, com a radicalidade de pensar a psicanálise excluindo a metapsicologia e a pulsão, mas redescobriu no pensamento de Sándor Ferenczi, uma alternativa clínico-teórica elástica, aos desafios contemporâneos. Da observação das mudanças na clínica, novas teorizações psicanalíticas surgiram, buscando entender a dinâmica do encontro, o funcionamento do par e não apenas de um. Inaugura-se o desafio de formular um modelo clínico-teórico psicanalítico, capaz de descrever a metapsicologia do encontro relacional, como uma nova alternativa ao mesmo tempo que o Renascimento de Ferenczi, retoma a matriz relacional perdida, possibilitando a reconstrução de pontes partidas entre o pensamento de Freud e de Ferenczi.

A matriz teórica em Ferenczi

Ferenczi não se considerava um teórico da psicanálise, no mesmo sentido de seu mentor, Freud. Sua divergência com Freud, torna-se explicitamente clara ao final da longa correspondência entre os dois. De acordo com Dupont, no prefácio da Correspondência Freud/Ferenczi (Brabant, Falzeder, Giamper-Deutsch, 2000), seus editores, destacam essa crescente diferença em 17/01/1930, carta 1179, de Ferenczi à Freud:

“Eu não compartilho, por exemplo, de sua visão de que o processo terapêutico pode ser negligenciado ou sem importância e que devemos ignorá-lo. Muitas vezes eu também me farto (fed up), mas precisamos superar essa tendência, e de bom grado, informo que é precisamente nessa área que uma série de novas questões, me levaram a um foco preciso, para pensar o problema do recalque.”
(p.383, 2000)

E Freud responderia em carta: “Eu admito, de bom grado, que minha paciência com os neuróticos se esgota rapidamente em análise, e que em vida, fui inclinado a intolerância com eles” (carta 1180, 1930, p. 386, 2000).

Dupont (1989), na introdução do *Diário Clínico*, escreveu que o desinteresse de Freud pela clínica seria inaceitável para Ferenczi, que se considerava antes de tudo um médico na obrigação de cuidar de seus pacientes e por essa razão Ferenczi pensava que só conseguiria construir teorias em psicanálise a partir da clínica. Em seu último ano de vida, Ferenczi escreveu a Freud que estava envolvido em revisar seu pensamento teórico e nessa carta, segundo Dupont, o *Diário Clínico* seria mencionado pela primeira vez à Freud (Dupont, 1988):

“Eu estava e ainda estou submetido em um exaustivo “trabalho de clarificação” ... O aspecto científico ainda versa sobre questões técnicas, mas essa elaboração também revela muitos pontos teóricos sob uma óptica um pouco diferente.” (Correspondência Freud/Ferenczi, 15 de Setembro de 1931, em Dupont 1985, p. xiv)

“Empenhado em desenvolver minhas análises de forma mais profunda e efectiva, eu estou navegando por um curso de autocrítica que requer, sob alguns aspectos, não só completar, mas também corrigir nossa prática – e em alguns lugares nossas visões teóricas.” (carta de 21 de Agosto de 1932, em Dupont, 1989, pág. xvi)

“Corrigir nossa prática e nossas visões teóricas” é a expressão usada por Ferenczi que denota a percepção do autor sobre as diferenças entre as suas ideias e as ideias de Freud, e isso não se referia apenas aos seus experimentos clínicos, mas ao pensamento psicanalítico de forma ampla. A actividade de constante revisão, tantas vezes explicitada nos textos de Freud, é descrita por Ferenczi como “trabalho de clarificação” e “autocrítica.”

Para Luiz Martin Cabré (2016) todo o *Diário Clínico* de Ferenczi poderia ser tomado como uma “carta extensa” de nove meses de duração de Ferenczi a Freud, (de 7 de Janeiro até 2 de Outubro de 1932), um constante diálogo que por vezes é externo e visível, como quando Freud e Ferenczi trocam cartas, em outros momentos é um diálogo internalizado e solitário, como nas considerações que Ferenczi escreve em seu diário sobre seus desacordos pessoais e profissionais com Freud. Essa condição de conversar com um outro e com um outro dentro de si, é aliás prática bem conhecida nos processos de elaboração em análise. Assim a recuperação do diálogo entre Freud e Ferenczi, é também a recuperação da construção do pensamento psicanalítico entre Freud e seus interlocutores e sobretudo de como se construíram diferenças teóricas no pensamento psicanalítico.

Em carta de Ferenczi à Freud, de 25 de Dezembro de 1929 (carta 1173) Ferenczi sumariou sua revisão teórica baseado em sua experiência clínica.

- “1. Em todos os casos que penetrei em profundidade suficiente, eu encontrei uma base histórica-traumática para a doença;
2. Onde eu e o paciente tivemos sucesso nisso, o efeito terapêutico foi bastante significativo. Em muitos casos eu chamei os pacientes depois de “curados” para acompanhar o tratamento;
3. A visão crítica que eu venho formando gradualmente durante esse período é que a psicanálise lida muito parcialmente (*one-sided*) com a neurose obsessiva e a análise do carácter – isto é, psicologia do ego – enquanto negligência a base orgânica-histórica da análise. Isso resultaria em uma superestimação do papel da fantasia, e uma desvalorização da realidade traumática, na patogenia...” (Brabant, Falzeder, Giamoer- Deutsch, p. 374, 2000)

Ferenczi deixa claro que sua revisão teórica privilegiaria o retorno a ideia de uma teoria do trauma, apoiado em sua experiência clínica. Mas é no item (3) que Ferenczi cita algumas bases para sua revisão teórica. Ferenczi escreveu que a psicanálise lida parcialmente, de forma unilateral (*one-sided*), destacando a diferença entre a psicologia do ego, e a sobrevalorização das fantasias infantis (já presente nas ideias de Klein), em seu carácter intrapsíquico, isolado do encontro com o ambiente, que Ferenczi valorizava. Em carta de Ferenczi a Jones, 39F, p.146 (Eros F, et al., 2013), Ferenczi faz uma crítica a Melanie Klein, e sua atenção absoluta as fantasias e ao mundo interno, afectando a capacidade do paciente de se relacionar com o ambiente. Especialmente no item (3), acima citado, Ferenczi faz uma revisão da metapsicologia pulsional retornando a matriz relacional como origem traumática. Para Avello (1989), inicialmente Ferenczi concordou com Freud sobre a origem constitucional da compulsão à repetição na neurose obsessiva quando Freud introduziu o conceito de pulsão de morte em “Além do princípio do prazer (1921/1994), mas, em “A criança mal acolhida e sua pulsão de morte” (1929/1996) Ferenczi diria que a origem da neurose obsessiva também seria traumática e ambiental, e não originaria da pulsão de morte. Para Ferenczi, nesse tipo de quadro clínico, a incidência do trauma seria tão precoce na vida da criança, que levaria o psicanalista a assumir erroneamente que o problema seria constitucional, ou seja, intrapsíquico e não relacional.

De acordo com Avello (1989): “O criticismo progressivo ao conceito freudiano da “pulsão de morte” (...), merece especial reconsideração, (...) esse conceito teria sido sugerido inicialmente por Ferenczi em Thalassa, como desejo inconsciente de retorno ao inanimado, antes da notória formulação freudiana da pulsão de morte. Por isso o criticismo exposto no *Diário Clínico* não foi somente dirigido a Freud, mas também a ele mesmo (Ferenczi).” (p. 22).

Outras revisões críticas feitas por Ferenczi às suas próprias teorias o levariam a reconsiderar sua teoria de genitalidade, Ferenczi escreveria em seu *Diário Clínico* (Dupont, 1989):

“Minha teoria sobre a genitalidade pode ter muito bons pontos, mas em seu modo de apresentação e em sua reconstrução histórica ainda fica muito colada as palavras do mestre (Freud); uma nova edição deverá ser totalmente reescrita. Um exemplo: a teoria da castração feminina. Freud pensa que o clítoris se desenvolve e funciona anteriormente do que a vagina, isto é, meninas nascem com a sensação de que elas têm um pénis, e somente depois elas aprendem a renunciar tanto a isso quanto ao amor passional pela mãe e passam a aceitar a feminilidade vaginal e uterina. Assim ele (Freud) negligência a possível alternativa de que a orientação instintiva heterossexual (talvez só na fantasia) é desenvolvida bem antes, e que a masculina só se manifesta por razões traumáticas (cena primária), como um sintoma histérico.” (p. 187)

Podemos notar que Ferenczi planejou continuar trabalhando em seu refinamento teórico, sentindo-se mais livre para diferenciar-se de Freud, inclusive em ideias centrais de Freud, ligadas ao complexo de Édipo, a teoria da castração e a compreensão anatômica no desenvolvimento biológico infantil.

Nesse sentido Ferenczi aproximou-se dos questionamentos feitos ao complexo de Édipo, e a teorização de Freud sobre o feminino, posteriormente formuladas pelo movimento feminista que influenciou autores identificados com as teorias do paradigma relacional como Stephen Mitchell e Jéssica Benjamin.

Embora Ferenczi tenha falecido antes de deixar claro quais seriam as revisões a fazer em seu texto *Thalassa: Ensaio sobre a teoria da genitalidade*, podemos buscar nesse texto, “os pontos muito bons” de sua teoria sobre a origem da matriz originária materna como matriz relacional primária de onde se deriva o complexo de Édipo. Uma revisão teórica importante, que poderia modificar o paradigma pulsional, marcando desde Ferenczi, a guinada relacional, que se seguiu na psicanálise contemporânea.

O próprio Freud reconheceu esse movimento em Ferenczi, praticante da clínica para autor fundamental na constituição de teorias psicanalíticas. No obituário dedicado ao amigo (1933/1994), Freud escreveu que Ferenczi publicou até cumprir 50 anos, a maior parte dos trabalhos que “tornariam a todos os analistas seus discípulos,” e completou: “Ele, contudo estava retendo sua realização mais brilhante e mais fértil. Eu a conhecia e no final dei minha contribuição, insisti para que publicasse” assim se referiu Freud a Thalassa. (Freud, 1933/1994, p. 148)

Em seu último texto apresentado em vida “Confusão de línguas entre o a criança e os adultos” e publicado em 1933, lemos na última página do texto, uma nota de rodapé em que Ferenczi escreve:

“Esse ódio transforma um ser que brinca espontaneamente, e com toda a inocência, num autómato, culpado do amor, e que, imitando ansiosamente o adulto, esquece-se por assim dizer de si mesmo. É o sentimento de culpa, e o ódio contra o sedutor, que conferem as relações amorosas dos adultos, o aspecto de uma luta assustadora para a criança, cena primitiva, que termina no momento do orgasmo, ao passo que o erotismo infantil, na ausência de “luta dos sexos,” permanece no nível dos jogos sexuais preliminares e só conhece satisfações no sentido do aniquilamento do orgasmo. A teoria da genitalidade, que procura dar uma explicação de ordem filogenética para a luta dos sexos, deverá levar em conta essa diferença entre as satisfações eróticas infantis e o amor, impregnado de ódio, da copulação do adulto. (Ferenczi 1933/1996, p.121)”

Ferenczi parece nos deixar a mensagem que sua teoria do trauma apresentada em “Confusão de Línguas” e sua teoria da genitalidade apresentariam uma continuidade teórica. Em “Confusão de Línguas,” Ferenczi apresenta o abuso sexual como o encontro sexual patológico, entre a sexualidade de uma criança e a sexualidade de um adulto. Essa patologia seria traumática, porque a criança não estaria apta nem emocionalmente e nem biologicamente para enfrentar a “luta dos sexos” que é como Ferenczi descreve o acto do coito em *Thalassa*. Se a criança não consegue vivenciar plenamente o orgasmo, sem a maturidade biológica para essa função, também não conseguirá dormir, atormentada pela interrupção de suas fantasias infantis, sem conseguir esvaziar-se dos estímulos emocionais intensos, permanecendo em um estado autómato e clivado, impedindo seu desenvolvimento emocional e corporal. Em *Thalassa*, Ferenczi descreve que o encontro sexual adulto (genital), se bem-sucedido, acarretaria a tranquilidade do sono, após o coito, como reparação orgânica, para que o corpo se resguarde e se recupere excitação erótica psíquica e física, necessária para a função de perpetuação da espécie. Quando uma criança é abusada sexualmente, ela é chamada a responder à função reprodutiva da espécie prematuramente, prejudicando destrutivamente não só o seu desenvolvimento pessoal, mas todo o desenvolvimento da espécie humana.

Ao ligar seus dois textos, “Confusão de línguas” e “Thalassa” Ferenczi parece perceber que está prestes a estabelecer um estatuto metapsicológico para a sua teoria do trauma e para a importância da matriz relacional entre adultos e a criança para a compreensão das intersecções entre o biológico, o psíquico e o social em uma dimensão intersubjectiva mais ampla e anterior ao intra-psiquismo pulsional.

Ferenczi teria percebido, em seu trabalho clínico, os estágios emocionais muito primitivos vividos na regressão transferencial com seus pacientes, ligavam-se às

fantasias de retorno à matriz originária materna, comprovando suas teorias sobre as consequências traumáticas e catastróficas para o indivíduo e para a humanidade perante a falha do cuidado ambiental, onde prevalece o desamparo, sem outro para se apoiar.

Aqui as tensões edípicas, os conflitos entre desejo, proibição, excitações de origem intrapsíquicas, segundo as teorias de Freud, são representações parciais de uma dimensão mais ampla, relacionada ao encontro real e intersubjectivo: a matriz materna primária e relacional que oscilando entre distintas dimensões da biologia, da física, da química e da psicologia estabelecem uma regulação entre as forças de vida e de morte.

A separação entre a teoria psicanalítica associada a Freud e teoria da clínica psicanalítica, associada a Ferenczi como áreas distintas ou bifurcação do campo psicanalítico, disfarça um conflito maior: para Ferenczi a prática com seus pacientes transforma a teoria, e para seus leitores, a prática clínica de Sándor Ferenczi, o transforma também em um teórico da psicanálise que pensou teorias diferentes das teorias de Freud.

Thalassa: Especulações e Cópula

“É em vão tentar separar o que se pode aceitar agora como conhecimento digno de crédito e o que, como uma fantasia científica, procura coincidir com um conhecimento que só teremos no futuro. Deixa-se esse pequeno livro com um julgamento: “Isso é quase demais para ser apreendido numa primeira leitura, vou lê-lo novamente em breve’ ... (Freud, 1933/1994, vol. XXII, pg. 148)

Como indicou Freud, no obituário que escreveu sobre Ferenczi, Thalassa (“esse pequeno livro”) não é um texto que pode ser apreendido em uma só vez, é necessário mais de uma leitura. Um exemplo:

“E, se o grande mestre Ernest Haeckel teve a coragem de formular a lei biogenética fundamental segunda a qual o desenvolvimento embrionário (‘paligenesia’) reproduz em síntese toda a evolução da espécie, por que não dar mais um passo e supor que o desenvolvimento dos anexos protectores do embrião (que sempre se considerou o exemplo clássico da “cenogênese” encobre igualmente uma parte da história da espécie: a história das modificações desses meios onde viveram os ancestrais descritos pela embriogênese”(p.315)

A citação acima que mais parece obra de ficção científica lembra o relato das expedições de Darwin à Galápagos, e contrasta com trechos, no mesmo texto, em que a narrativa muda, tornando-se romântica: “O coito recorda, portanto, aqueles melodramas em que as nuvens ameaçadoras se acumulam como numa verdadeira tragédia, mas em que sempre se tem a impressão de que, no final, tudo acabará bem” (p.312).

Dupont qualifica o texto de “poético” (1989), Fortune o descreve como “salto corajoso de imaginação” (em Harris e Kutchuck, 2015), Saborin (2005) diz que o texto é “um carnaval de corpos e órgãos.” De qualidade e estilo literário peculiar, *Thalassa* apresenta uma sinfonia de órgãos, corpos, vinhetas clínicas, eras geológicas que possibilitam diferentes enfoques. Esse é um texto considerado especulativo e teórico, “uma fantasia bioanalítica” como Ferenczi descreve seu livro. Pode ser analisado pelas teorias evolutivas (Haeckel, Lamarck, Darwin) ou como o texto inaugural da Bioanálise. Em *Thalassa*, Ferenczi dispara ao leitor conceitos importantes que seguirão presentes em seus textos, como “utraquismo,” “carácter aloplástico e autoplástico,” “pulsão de regressão à matriz materna,” e outros conceitos que já estavam citados, mas que literalmente ganham corpo nesse texto como “anfímixia,” “estados do ego,” “introjecção.” (Kahtuni e Sanches, 2009)

Todos esses conceitos conservam a característica de provocar ajustes corporais e acomodações intersubjectivas provocando mudanças plásticas no psiquismo de um e de outro envolvidos relacionalmente, mantendo duplamente a função biológica e afirmando a teoria de desenvolvimento sexual de Freud, exposta em “Três ensaios sobre a sexualidade” (1905/1994)

Ferenczi escreveu *Thalassa*, quando estava servindo o exército, na Hungria, em uma unidade de Hussardos (cavalaria), provavelmente em 1914-15. Ali ele terminaria de traduzir o texto escrito por Freud (1909) “Três ensaios sobre a sexualidade” para o Húngaro. Ferenczi, reparou que Freud nada falara em seu texto sobre a relação sexual genital entre dois adultos, real e não imaginada. Em “Três ensaios sobre a sexualidade,” Freud descreveu o desenvolvimento sexual infantil até a fase na genital, parando na descrição do período de latência e na dissolução do Complexo de Édipo (Stanton, 1990, Kahtuni e Sanches, 2009). Dupont, observa, no entanto, que em 1910, Ferenczi já escrevera a Freud sobre suas ideias, Ferenczi sonhava encontrar uma síntese harmônica que conjugasse os processos biológicos da sexualidade, incluindo a cópula e a descrição do desenvolvimento sexual pela psicanálise (Dupont em Brabant, Falzender, Giampieri, 1992).

Na introdução à *Thalassa: Ensaio sobre a teoria da genitalidade*, Ferenczi explica ao leitor porque demorou dez anos para publicar esse texto. Ele diz que seu respeito pelo que aprendeu como ciência, o fazia desconsiderar esse trabalho. Para ele todo trabalho científico deveria separar rigorosamente pontos de vista das ciências naturais e das ciências do espírito. Ferenczi escreveu que sentia-se ferindo esse princípio científico por traçar paralelos entre diferentes disciplinas sem separação:

biologia, evolução das espécies, geologia, psicologia e psicanálise em um mesmo texto. Mas, Ferenczi explica, ter ultrapassado esse problema após ser incentivado por colegas a quem apresentou o texto: Freud, Jones e Abraham, de acordo com Stanton (1990). Para correlacionar campos distintos, Ferenczi criou uma metodologia que denominou de *utraquista*, onde conceitos de uma disciplina encontram paralelos em outras. Assim, traçando paralelos e analogias recíprocas entre distintas disciplinas ele diz ser possível somar sentidos múltiplos sem precisar separar campos distintos. O coito é o tema estudado por Ferenczi em *Thalassa*, em suas diferentes dimensões e transformações na biologia, fisiologia, embriologia, na teoria evolutiva e na psicologia. Como contacto material entre corpos, o coito, estaria exactamente no limite do encontro físico e o encontro intersubjectivo entre dois adultos. Coito e orgasmo, sono e nascimento, encenariam o desejo primitivo de retornar à matriz materna, ao corpo da mãe, ao seio materno, ao ambiente intra-uterino, ao meio líquido pelo orgasmo, que por ser líquido recapitula o estado originário do mar, a matriz de origem, recapitulando também a origem oceânica de todas as espécies.

Para Ferenczi, seguindo as ideias de Freud, a pulsão, seria a força oscilatória entre vida e morte, entre o físico e o psíquico provocando moções que transferem os diversos erotismos, por meio de inervações. Na fase genital do desenvolvimento sexual, o coito reuniria os erotismos parciais de cada zona erógena em um único erotismo genital, agrupando impulsos de reter e soltar vividos corporalmente na imaturidade infantil, da fase oral e anal, como parciais e que se tornam experiências mais organizadas pela elaboração de fantasias de amor e violência transformando o erotismo em jogo, e em imagem da cena primária. Se as fantasias sobre a cena primária evocam o medo da intensidade erótica, ao mesmo tempo oferecem o conforto do desejo de regressão Thalassal recapitulando o desenvolvimento evolutivo da espécie (filogenia) e do indivíduo (ontogenia). Ferenczi denomina as experiências psíquicas do coito como “psicologia do erotismo.” Assim as forças traumáticas de pressão e alívio, podem transformar-se também em jogo prazeroso, onde trocas mútuas estabelecem linguagens eróticas, oscilando entre a ternura e a paixão, que traumatizam e se regeneram.

Ferenczi, portanto, a partir das teorias de Freud, reúne psicanálise, com teorias da evolução da espécie de Haeckel, Lamarck, Darwin, em uma só matriz genealógica, o traumático e o renascimento se fundem na matriz relacional, oscilando como as marés.

Comum método *utraquista*, Ferenczi diz liberar-se da rigidez do cartesianismo científico, para traçar paralelos entre diferentes disciplinas, oferecendo a cada uma delas novas descobertas, e isso modifica a forma de Ferenczi entender a psicanálise de Freud.

Por exemplo, encontramos nos textos de Freud “Totem e Tabu” (1913) e de Ferenczi “Thalassa: Ensaio sobre a teoria da genitalidade” (1924) a centralidade dos mitos como fantasias comuns e universais que estabelecem o desejo arcaico. Mas o uso da estrutura dos mitos é bastante diferente entre os dois textos. Em “Totem e Tabu”

Freud usa uma narrativa mítica dramática e uma correspondência de representações e personagens, cada personagem representa todos os homens e mulheres em um drama. Assim cada homem e cada mulher se identificaria com os personagens pela repetição na dinâmica intrapsíquica que é posta em movimento por uma excitação interna e pulsional. É pela identificação com a narrativa contida no mito, que o complexo de Édipo funciona. A base de transmissão do mito seria transgeracional, filogenética, e as interpretações em análise revelariam a trama inconsciente herdada ancestralmente pelo complexo de Édipo, marcado pelo medo e desejo do conflito, Freud propõe um modelo intrapsíquico de um encontro imaginado, mais subjectivo do que intersubjectivo.

Em *Thalassa*, o mito é usado em seu simbolismo global, se existe uma narrativa mítica ela não é apresentada por Ferenczi, aqui o conflito não é central, o que é central e o desejo paradoxal, que carrega múltiplos sentidos. Em carta de Ferenczi à Freud datada em 12/10/1913, Ferenczi escreveu: “torturam-me algumas ideias de significado biológico geral, que temos de derivar da psicanálise (mas não tem nada a ver com as suas ideias do recalçamento orgânico)” Brabant, Falzender e Giampieri, 1995, p. 240).

Parece que Ferenczi quer deixar claro ao mestre que não pretende (ainda) desafiar suas teorias como fez o desafecto na época, Jung, afastando, qualquer temor sobre contradizer ou contrariar as ideias expressas por Freud com o complexo de Édipo, mas vale notar que Ferenczi usou um adjetivo que contém a ideia do contacto corporal “tortura-me” possivelmente um indício que ele já pensava em reunir a matriz mítica e a biológica em uma só teoria, que abarcasse múltiplos sentidos e ambiguidades (Dupont em Brabant, Falzender e Giampieri, 1995).

Kahtuni e Sanches (2009) sugerem que as especulações mais criativas de Ferenczi estariam relacionadas a um projecto de Ferenczi de criar uma extensão da teoria psicanalítica a biologia que ele chamou de bioanálise. Para as autoras Ferenczi teria sido um ancestral da psicossomática, pensando a existência de um “inconsciente biológico.” E foi em *Thalassa* que ele mais expressou a ideia de um monismo, uma interacção entre corpo e psiquismo, presente na noção de utraqismo, na oscilação entre vida e morte, na anfixia (junção nuclear de gametas), sempre atento as afectações interactivas subjectivas e intersubjectivas, dois corpos, provocando acomodações plásticas e modificações por diferentes tipos de contacto.

O desejo inconsciente de retornar ao corpo da mãe, ao útero, ao seio, garantiria ao mesmo tempo a perpetuação da espécie pelo coito, e a regeneração do indivíduo pelo sono. A regressão descrita em *Thalassa* decorre do movimento oscilatório de busca pela vida, é uma forma de trânsito em busca do outro, seja para retornar ao corpo materno (regressão ao ventre materno e ao absoluto prazer e onipotência, ontogenia) seja para retornar ao estado primordial marinho, regressão Thalassal (filogenia). A regressão é tratada por Ferenczi como capacidade de progressão seja pela cópula, pelo sono, pela fusão e sobretudo pelas transformações plásticas do contacto.

Conclusão

“O mar é tudo. Cobre sete décimos do globo terrestre. O seu hálito é são e puro. É um imenso deserto onde o homem nunca está só. O mar é o veículo de uma existência sobrenatural e prodigiosa. É movimento e amor. É o infinito vivo, como afirmou um dos seus poetas. Nele reina a suprema tranquilidade. O mar não pertence aos déspotas. Ah! o senhor professor deveria viver no seio dos mares! Só aí há independência. Aí não reconheço amos! Sou livre!”

20.000 Léguas Submarinas, Júlio Verne, p. 3

A citação acima, serve de epígrafe para descrever a relação oscilatória entre Ferenczi e Freud, onde Ferenczi foi discípulo e livre pensador, colaborador e companheiro, distante e solitário. No livro imaginário que pudesse conter toda a história da psicanálise, Ferenczi e sua obra corresponderiam ao capítulo dois. Ferenczi, antes considerado como visionário da contemporaneidade, ancestral perdido, teórico em busca de reconhecimento, revolucionário científico, mostrara-se um pensador contíguo a Freud, em perpétuo diálogo com ele e com seus pacientes. Sai de cena na Hungria de 1933, e reemerge em 1985, ganhando reconhecimento em 1990 nos Estados Unidos, na Europa e também no Brasil.

Revisitar Ferenczi em busca da origem da matriz relacional em psicanálise é percorrer um caminho em regressão progressiva, retorna-se para avançar e progride-se regredindo, observando a transição de modelos onde prevalecem alternâncias, guinadas, giros. Encontram-se alternativas, horizontalidades e mutualismos.

A matriz relacional proposta por Ferenczi corresponde a investigação da relação dual que se estabelece na clínica, mas tem origem na ideia de cópula, de par, que se alterna em luta e colaboração em múltiplos significados e analogias. Sua mítica é simbólica mais do que representativa. Contrasta, portanto, com a ideia da mítica estabelecida por Freud com o Complexo de Édipo como representação e encenação que tem no conflito uma representação que nem sempre atende as demandas da contemporaneidade, com suas figurações múltiplas de género, sexualidades, inclusões e exclusões.

Para Stephen Mitchell, psicanalista contemporâneo, a matriz relacional em psicanálise é formada por factores biológicos, relacionais, interpessoais, em ciclos perpétuos de mútua interacção.” (p.4, 1988)

Para Ferenczi, pioneiro da psicanálise: “(podemos) imaginar todo o universo orgânico e inorgânico em uma relação de oscilação perpétua entre pulsões de vida e pulsões

de morte, em que tanto a vida quanto a morte jamais conseguiriam estabelecer sua hegemonia” (1924/1992, p. 357).

A matriz intersubjectiva, a psicologia de duas pessoas em constante relacionalidade nos permite uma sucessão de configurações contíguas e de encontros com personagens que construímos. Faz parte do desafio que cada psicanalista encontrar, dialogar com seus interlocutores internos, e externos, mantendo-se atento a oscilação das marés que enterra alguns elementos e fazem outros emergirem.

Inspirado pelo pensamento matricial, múltiplo e paradoxal que Ferenczi nos oferta, compreende-se melhor a dinâmica da intersubjectividade e suas interfaces interdisciplinares, ampliando as possibilidades do cuidado e da comunicação, ajuste às mudanças sociais onde cada vez mais é necessário teorias e métodos de pesquisa que possibilitem avaliar o impacto interactivo e a importância do convívio que, se por um lado pode traumatizar, por outro, também pode regenerar.

Referências

Aron, L., Harris, A (1993). *The legacy of Sandor Ferenczi*. Routledge.

Aron, L. (1996). *A meeting of minds: Mutuality in psychoanalysis*. Relational perspectives book series, Vol. 4. Analytic Press, Inc.

Aron, L. and Mitchell, S. (Eds), (1999). *Relational Psychoanalysis: the emergence of a tradition*. Analytic Press, Inc.

Avello J. (1998). “Metapsychology in Ferenczi”. *International Forum of Psychoanalysis*, 7(4): 229-233.

Benjamin, J (1988) *The Bonds of Love: Psychoanalysis, Feminism, and the Problem of Domination*. Pantheon Books.

Bonomi, C., Borgogno, F. (2014). “The Ferenczi renaissance: Past, present, and future. *International Forum of Psychoanalysis*, 23:2.

Cabré, L.M. (2016). *Transferencia, contratransferencia y teorías del analista. La contribución de Ferenczi al concepto de contratransferencia su influencia en algunos desarrollos contemporáneos*, conferência proferida na SBPRJ.

Dupont J. (Ed.). (1988). *The clinical diary of Sándor Ferenczi* (M. Balint & N. Z. Jackson, Trans.). Harvard University Press.

Dupont, J. (2013). “Ferenczi at Maresfield Gardens.” *American Journal of Psychoanalysis*. 73:1-7.

Eros, F., Szekacs Weisz, J., Robinson, K. (2013), Sandor Ferenczi–Ernest Jones: Letters 1911–1933. Karnac

Falzender, E., Brabant, E., & Giampieri, P. (Orgs.). (1994). Sigmund Freud & Sándor Ferenczi, Vol. 1: correspondência (1908-1911) (C. Cavalcanti & S. K. Lages, Trads.). Imago.

Ferenczi, S. (1924/1993). Thalassa: Ensaio sobre a teoria da genitalidade. Obras Completas III. Martins Fontes.

Ferenczi, S. (1993). Obras Completas – IV. Martins Fontes

Ferenczi, S. & Freud, S. (2000). *The Correspondence of Sigmund Freud and Sándor Ferenczi*, Volume 3, 1920-1933. Brabant, E., E. Falzeder, and P. Giampieri-Deutsch, editors. MA: The Belknap Press of Harvard University Press.

Figueiredo, L/C (1995) “A tradição ferencziana de Donald Winnicott. Apontamentos sobre regressão e regressão Terapêutica” em Revista brasileira de psicanálise: 36(4):909-927, 2002.

Freud, S. (1905/1996) “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” de ESB, Vol., VII. Imago.

Freud, S. (1913/1996). “Totem e tabu.” In S. Freud, ESB, Vol. XIII. Imago.

Freud, S. (1920/1996). “Além do princípio do prazer”. ESB, vol. XVIII. Imago.

Freud, S. (1933/1996). “Sándor Ferenczi/Obituário” ESB, Vol. XXIII. Imago.

Greenberg J. R., J., Mitchell. S (1983) *Object Relations in Psychoanalytic Theory*. Harvard University Press

Harris, A. & Kuchuck, S. (Eds) (2015). *The Legacy of Sandor Ferenczi: From ghost to ancestor*. Routledge.

Harris A., Lichtenstein D & Christian, C. (2015) “To Whom Does the Subject Speak? Between the Relational and Lacanian Schools of Psychoanalysis: A Conversation with Adrienne Harris and David Lichtenstein” Moderated by Chris Christian, *Studies in Gender and Sexuality*, 16:4, 229-246, DOI: 10.1080/15240657.2015.1107445

Katz, S. (1996). Férenczi: História, Teoria, Técnica. Editora 34

Kupermann, D. (2003). “Princípios para uma ética do cuidado.” *Coleção Memória da Psicanálise: Sándor Ferenczi: v.3*. Duetto, p.44-51, 2009.

Kupermann, D. (2008). *Presença sensível: cuidado e criação na clínica psicanalítica*. Civilização Brasileira.

Mezan, R. (2014). *O tronco e os ramos: estudos de história da psicanálise* (1a ed.). Companhia das Letras.

Mills, J. (2012). *Conundrums: A Critique of Contemporary Psychoanalysis*. Routledge.
Mitchell, S.A. (1984). Object Theories and the Developmental Tilt, *Contemporary Psychoanalysis*. 20:473-499.

Mitchell, S. A. (1988). *Relational concepts in psychoanalysis: An integration*. Harvard University Press.

Mitchell, S. A. (1993). *Hope and dread in psychoanalysis*. Basic Books.

Mitchell, S.A. (1995). "The Legacy of Sandor Ferenczi". *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 43:228-231.

Pinheiro, T (1995). *Ferenczi: do grito à palavra*. Jorge Zahar Editora.

Roazen, P. (2001). *The Historiography of Psychoanalysis*. Transaction Publishers.

Saborin, P. (2018) *Thalassa. A Theory of Genitality* International Dictionary of Psychoanalysis. Retrieved May 26, 2018 from Encyclopedia.com: <http://www.encyclopedia.com/psychology/dictionaries-thesauruses-pictures-and-press-releases/thalassa-theory-genitality>

Kahtuni, H. & Sanches G. (2009). *Dicionário do pensamento de Sandór Ferenczi: uma contribuição à clínica psicanalítica contemporânea*. Elsevier.

Stanton, M. (1990). *Reconsidering Active Intervention*. Aronson